

## ABORDAGEM COGNITIVO-SÓCIO-HISTÓRICA DOS FENÔMENOS DE CONCEPTUALIZAÇÃO DO TRABALHO

Eliane Santos Leite da Silva<sup>1</sup>

### RESUMO

Pretende-se com o presente texto, socializar resultados de um estudo empreendido sobre os fenômenos de conceptualização do *trabalho*, a partir do qual propomos apresentar nossas inferências sobre possíveis continuidades ou permanências no sistema conceptual do *trabalho*, por meio das ocorrências conceptualizadoras estudadas. O referido estudo debruçou-se sobre textos jornalísticos, datados dos séculos XIX ao XXI, que versavam sobre trabalho, evocando este domínio-alvo, ainda que de modo não explícito. O enfoque teórico da investigação foi, principalmente, a Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados, proposta por Lakoff e Johnson (1980, 1987, 1999) e aprofundada por Lakoff (1987) e recentemente por Kövecses (2009, 2010). Desse modo, a análise se deu com foco nos domínios da experiência, por nós organizados levando em conta os modelos cognitivos idealizados que nos pareceram salientes em cada um deles. Metodologicamente, este trabalho tratou-se de um estudo documental e qualitativo, de caráter interpretativo, cujos resultados apontaram para a identificação dos domínios da experiência como sendo uma forma eficaz de mapearmos os modelos cognitivos licenciados pelos diferentes domínios-fonte da experiência, a partir dos quais entendemos terem sido acionadas as conceptualizações do *trabalho*. Tais estruturações se deram, no âmbito de nosso estudo, por meio de elementos conceptuais de caráter metafórico, metonímico e imago-esquemático. Assim, partindo da intrínseca relação que identificamos entre *domínios da experiência* e *modelos cognitivos idealizados*, optamos por categorizar os nossos resultados seguindo a presente conceituação.

**Palavras-chave:** Semântica Cognitiva, Conceptualização, Categorização.

### INTRODUÇÃO<sup>2</sup>

Lakoff (1987) apresenta o conceito de MCI's como sendo estruturas de significado por meio das quais os seres humanos organizam o conhecimento: "Cada MCI é um todo complexo estruturado, uma *gestalt*, que usa quatro tipos de estruturação: os mapeamentos proposicionais, os imago-esquemáticos, os metafóricos e os metonímicos".

<sup>1</sup> Doutora em Letras, [elianesleite1@hotmail.com](mailto:elianesleite1@hotmail.com); Docente – IFBAIANO- Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia Baiano.

<sup>2</sup> O presente texto, em outra versão, fora anteriormente publicado como um dos tópicos da Tese de Doutorado da autora, defendida em 2017.

(LAKOFF, 1987, p.68)<sup>3</sup>. Ruiz de Mendonza Ibáñez (2000, p.355) ratifica esse conceito lakoffiano, ao propor que os MCI's correspondem a “estruturas de conhecimento estáveis na mente do ser humano, que obedecem a determinados princípios organizativos”<sup>4</sup>. Cienki (2007, p.176) aponta que essas estruturas são compreendidas como “idealizadas” na medida em que são resultados de constructos humanos mentais que são partilhados socialmente e independem de uma existência objetiva no mundo, de modo que “são propostos como uma forma de organizar o conhecimento, de acordo com certos princípios de estruturação cognitiva”<sup>5</sup>.

Evans (2007) enfatiza que o conceito lakoffiano de MCI corrobora a noção desenvolvida pela teoria do protótipo, visto serem os MCI's uma representação mental a respeito de algum aspecto do mundo, sendo que seu caráter idealizado repousa sobre o fato de que os mesmos são abstraídos a partir de experiências vivenciadas pelo ser humano, ao invés de representarem instâncias rígidas e específicas de tais experiências. Macedo (2008, p.34) propõe que tais estruturas são “organizadoras do conhecimento que provêm a base para a estruturação de categorias e para os efeitos de protótipos pertinentes às formas de conceber e organizar as coisas na nossa interação com o mundo”. Macedo (2008, p.34) assim resume as funções conceptuais dos MCI's conforme propostos por Lakoff (1987):

Os MCI's são entendidos a partir do conceito de corporificação, constituindo-se, portanto, como uma forma de representação situada que emerge a partir da interação do sujeito cognoscente com o mundo, e porque incluem aspectos imaginativos da cognição, tais como a metáfora e a metonímia. O pensamento faz uso desses modelos presentes no sistema conceptual para orientar adequadamente a produção e a compreensão linguística.

Silva (1997, p.77) compartilha a ideia lakoffiana de um MCI enquanto “um conhecimento individualmente idealizado, isto é, de um *modelo cognitivo*, e interindividualmente partilhado pelos membros de um grupo social, ou *modelo cultural*”. Desse modo, a significação e a estrutura de uma categoria conceitual dependem diretamente dos MCI's então compartilhados sob a forma dos conhecimentos

<sup>3</sup> Tradução nossa do original: “Each ICM is a complex structures whole, a *gestals*, which uses four kinds of structuring principles: propositional, image-schematic, metaphoric and metonymic mappings”.

<sup>4</sup> Tradução nossa do original: “estructuras de conocimiento estables en la mente del ser humano, que obedecen a determinados principios organizativos”.

<sup>5</sup> Tradução nossa do original: “are proposed as a way in which we organize knowledge, according to certain cognitive structuring principles”

experienciados na ocasião do estabelecimento dos sentidos. Silva (1997) defende, nesse sentido, que determinados MCI's são eminentemente culturais (como a noção das refeições em diferentes grupos sociais), ao se relacionarem mais diretamente aos conhecimentos enciclopédicos partilhados, como as crenças tradicionais, por exemplo.

Croft e Cruse (2008[2004]) retomam o conceito lakoffiano dos MCI's, ilustrando-o a partir do exemplo clássico do conceito de SOLTEIRÃO, e pontuam a necessidade primordial de, para o significado ser elaborado, o falante precisar acionar seus conhecimentos enciclopédicos que estão interconectados em sua mente, de modo que “o significado de uma palavra constitui, portanto, uma perspectiva de nosso conhecimento sobre o mundo, tal como manifesta o conceito perfilado pela respectiva palavra”. (CROFT; CRUSE, 2008, p.53)<sup>6</sup>. Desse modo, os autores defendem que a própria escolha vocabular já aponta para uma forma de conceptualização das relações existentes entre os conhecimentos de mundo do falante e sua experiência a ser comunicada.

Além do exemplo já citado, os autores tomam outro (posteriormente, também, discutido por Kövecses (2010a)), sobre o conceito de MENTIRA, relacionando-o com a noção de prototipia, já que o mesmo pressupõe uma noção escalar de *mentira*, em contextos situacionais diversos, a exemplo das chamadas *mentira branca*, *mentira de cortesia*, que não podem ser categorizadas como sentenças verdadeiras, mas, no entanto, não são admitidas como *mentiras propositais* ou *deliberadas*, sendo o maior motivador para que se categorize uma sentença como sendo uma *mentira*. Assim, Croft e Cruse (2008[2004]) relacionam os MCI's como parte constitutiva das formas de organização da estrutura conceptual.

Cabe destacarmos que a estrutura conceptual de um MCI, conforme sinaliza Evans (2007, p.104), pode ser organizada de várias formas, visto que “constituem corpos coerentes de representação do conhecimento, [...] estes incluem o fato de serem organizados em virtude do esquema imagético, da metáfora e da metonímia”<sup>7</sup>.

Discutindo as implicações dos mapeamentos metafóricos<sup>8</sup>, no âmbito dos distintos MCI's, Lakoff (2012 [1990]) relaciona essas projeções à *Hipótese da Invariância*, que,

<sup>6</sup> Tradução nossa do original: “el significado de una palabra constituye, por tanto, una perspectiva de nuestro conocimiento sobre el mundo, tal como pone de manifiesto el concepto perfilado por dicha palabra”.

<sup>7</sup> Tradução nossa do original: “constitute coherent bodies of knowledge representation, [...] these include being organized by virtue of the image schema, metaphor and metonymy”.

<sup>8</sup> Ruiz de Mendoza Ibáñez (2004, p.13) entende os mapeamentos como “inferências” ou “implicações semânticas” derivadas da metáfora.

segundo o autor, corresponde a um princípio geral estruturador que permite uma melhor compreensão dos sistemas linguístico e conceptual. Desse modo, Lakoff (2012 [1990]) entende que a SC cumpre seu maior compromisso, ao descrever as relações atinentes à linguagem e à cognição, considerando as investigações sobre mente e corpo, a fim de obter mais claramente outras informações sobre o funcionamento das generalizações que se dão no âmbito conceptual, seja ele individual ou compartilhado, através dos MCI's.

Outros estudiosos discutem essas noções de MCI's, porém, atribuindo-lhes outras nuances ou nomenclaturas, por se inscreverem em outras perspectivas de abordagem, que não foram considerados no presente texto<sup>9</sup>.

Os *modelos cognitivos metafóricos* correspondem às operações de projeções em que um domínio empresta parte de sua estrutura conceptual a outro. Assim, de acordo com este conceito lakoffiano (1987), as *metáforas conceptuais* passam a ser compreendidas como um dos tipos de MCI's, e não mais como a base principal para as operações de conceptualização, como outrora fora defendido por Lakoff e Johnson, em 1980, ao elaborarem a considerada teoria cognitivista fundante, que abordava a metáfora como fenômeno da conceptualização, a *Teoria da Metáfora Conceptual* (doravante TMC).

Cabe reiterarmos que os estudos linguísticos tradicionais entendiam a metáfora como um recurso retórico, geralmente, de uso circunscrito ao contexto literário, que possibilitava a geração de um significado novo a partir do que se podia tomar de outro já conhecido, semelhantemente ao que se faz em comparações diretas, de modo que a metáfora era analisada enquanto uma figura de linguagem ou uma estratégia para ornamentar a expressão linguística, recurso este a ser sobreposto ao sentido considerado “literal”.

Assim, as teorias que problematizavam a metáfora como sendo relevante para o estabelecimento do sentido tinham, desde enfoques referencialistas até descritivistas: o primeiro entendia a metáfora como comparação entre coisas – entre referentes –; enquanto o segundo, a perspectiva descritivista, apontava para a metáfora enquanto uma transferência de significados, em uma orientação mais pragmática, excluindo o referente

---

<sup>9</sup> Silva (1997) elenca alguns deles: Langacker (1987) que discute a noção de *domínio cognitivo*; Fillmore (1975, 1978) e Talmy (1978) abordam a noção de *frame*; D'Andrade (1989) discute a noção de *modelos culturais*.

e identificando-a a partir do então denominado “conflito semântico” (o sentido emerge justamente do que se constituía como diferença / oposição entre os significados). No entanto, as discussões sobre a metáfora, a partir da perspectiva cognitivista, privilegiaram as operações cognitivas de projeção interdomínios no estabelecimento dos significados, especialmente a partir do ano de 1980, quando os pesquisadores George Lakoff e Mark Johnson publicam a obra *Metaphors We Live By*<sup>10</sup>, na qual sistematizam a TMC, ao discutirem como os significados são conceptualizados.

A partir dessa perspectiva que então inauguram, os autores postulam que as formas de conceptualização se dão, basicamente, através de metáforas e metonímias, não enquanto aparatos ou recursos literários usados, ocasionalmente, pelo falante, mas como fundamento da própria construção cognitiva. Lakoff e Johnson (2002 [1980]) defendem que o sistema conceptual dos seres humanos funciona inconscientemente, de modo que, através da linguagem, tem-se uma via para vislumbrar as complexidades atinentes à conceptualização do mundo e justificam o interesse em investigar as expressões linguísticas para que se estabeleça contato com as diversas formas de compreensão elaboradas no sistema conceptual do falante.

Assim, a obra de 1980 pôde, em certo sentido, ser compreendida como uma primeira provocação para que os semanticistas da época repensassem sua forma de conceber a metáfora. Ao divulgarem a nova perspectiva, com outras motivações teórico-metodológicas, seguindo assim, a proposta da SC (cujos principais pressupostos, de uma forma geral, foram discutidos em tópico anterior), Lakoff e Johnson (2002[1980]) propõem que as reflexões semânticas ultrapassem o plano linguístico.

Por exemplo, ao analisarem a metáfora conceptual DISCUSSÃO É GUERRA, os autores não só apontam expressões linguísticas metafóricas, mas também os comportamentos sociais que trazem à tona essa mesma metáfora, mesclando o aspecto linguístico ao experiencial. É nesse sentido que Ibarretxe-Antuñano (2010, p.54) defende que a metáfora é “onde confluem a linguística, a ciência e a cultura”<sup>11</sup>, o que podemos observar no trecho:

---

<sup>10</sup> Traduzida, em 2002, para o português, sob o título *Metáforas da vida cotidiana*, pelo grupo GEIM, sob a coordenação de Mara Sophia Zanotto.

<sup>11</sup> Tradução nossa do original: “donde confluyen la lingüística, la ciencia y la cultura”.

É importante perceber que não somente *falamos* sobre discussão em termos de guerra. Podemos realmente ganhar ou perder uma discussão. Vemos as pessoas com que discutimos como um adversário. Atacamos suas posições e defendemos as nossas. Ganhamos e perdemos terreno. Planejamos e usamos estratégias [...]. Muitas das coisas que *fazemos* numa discussão são parcialmente estruturadas pelo conceito de guerra. É nesse sentido que DISCUSSÃO É GUERRA é uma metáfora que vivemos na nossa cultura; ela estrutura as ações que realizamos numa discussão. (LAKOFF; JOHNSON, 2002[1980], p.47. Grifos dos autores).

Lakoff e Johnson (2002 [1980]) destacam, nesse sentido, que as conceptualizações são motivadas culturalmente. Assim, em uma comunidade onde as discussões não são percebidas em termos de guerra, essa metáfora assumiria outras nuances. Uma ilustração para essa diferença pode ser apontada em determinadas tribos indígenas, nas quais certas disputas são resolvidas, através de rituais que envolvem lutas corporais: ao invés de buscar vencer o oponente com uma argumentação verbal, a estratégia usada naquela determinada cultura será uma disputa físico-corporal, sendo, então, vencedor quem primeiro subjugar fisicamente seu oponente. Na verdade, essa forma de conceptualizar a disputa não deixaria de evocar a mesma metáfora DISCUSSÃO É GUERRA, mas o faria, através de outros domínios da experiência, como o domínio corporal, excluindo as elucubrações orais ou escritas.

Nesse ínterim, os autores afirmam que “a essência da metáfora é compreender e experienciar uma coisa em termos de outra” (LAKOFF; JOHNSON, 2002[1980], p.48)<sup>12</sup>, indo além do uso ornamental e/ou linguístico. Essa expressão “em termos de outra” aponta para o fato de que não há, como se defendia na tradição clássica da linguística, a necessidade de haver semelhanças apriorísticas entre os conceitos a serem projetados, por exemplo, de *discussão* e de *guerra*, sendo que tal semelhança será criada conceptualmente em determinada cultura, de forma inconsciente, pelo fato de que o conceito de *guerra* estruturará parcialmente o conceito de *discussão*, de modo sistemático, na medida em que haverá uma espécie de pré-seleção de determinados usos, através das quais poder-se-á estabelecer o processo de conceptualização, ao apontar para decisões do conceptualizador, ao destacar determinados elementos de um conceito a serem projetados em outro. Assim, “uma parcela da rede conceptual de guerra caracteriza parcialmente o

<sup>12</sup> Os autores pontuam ainda que as projeções são parciais, pois, se fossem totais, “um conceito seria, de fato, o outro” (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p.57), o que seria tautológico, portanto, antieconômico linguisticamente.

conceito de discussão, e a língua segue essa caracterização” (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p.50).

Desse modo, ao falar de discussão em termos de guerra, não são todos os aspectos da guerra que são tomados pelo falante para explicar (ou estar envolvido em) uma discussão, mas alguns deles, por exemplo, as estratégias de ataque, o posicionamento dos oponentes ou os resultados da guerra. Dificilmente, por outro lado, haverá a projeção entre os domínios-fonte e alvo de questões que digam respeito, por exemplo, às vestimentas dos oponentes, à alimentação no campo de batalha, dentre outros. Essa característica aponta para a sistematicidade do funcionamento da metáfora, que, apesar de ser um fenômeno inconsciente, pode ser acessado pela linguagem.

Assim, percebemos o quanto a proposta de Lakoff e Johnson (2002[1980]) extrapolou a visão então predominante a respeito das metáforas, ao defenderem que estas emergem inconscientemente na geração do próprio conhecimento humano e na sua forma de comunicação cotidiana, em uma perspectiva experiencialista, ou seja, a partir da projeção das experiências corporais do ser humano na (e com a) natureza e da forma como este interage em comunidade, visto que

[...] os conceitos que governam nosso pensamento não são meras questões do intelecto. Eles governam também nossa atividade cotidiana até nos detalhes mais triviais. Eles estruturam o que percebemos, a maneira como nos comportamos no mundo e o modo como nos relacionamos com outras pessoas. Tal sistema conceptual desempenha, portanto, um papel central na definição de nossa realidade cotidiana [...]. Baseando-nos, principalmente, na evidência linguística, constatamos que a maior parte do nosso sistema conceptual ordinário é de natureza metafórica. E encontramos um modo de começar a identificar em detalhes quais são as metáforas que estruturam nossa maneira de perceber, de pensar e de agir. (LAKOFF; JOHNSON, 2002[1980], p.45-46).

Assim sendo, a metáfora, nessa nova abordagem, se trata de um processamento cognitivo conceptualizador e também categorizador, o que permite ao pesquisador compreender níveis distintos da experiência humana, seja por suas interações sociais, ou por suas experiências com o próprio corpo e o ambiente, e, conseqüentemente, com a realidade que passa a criar.

O fenômeno da categorização expõe a forma como o ser humano define as categorias através dos protótipos (os representantes de determinada família de conceitos),

que, por sua vez, são estabelecidos a partir das necessidades comunicativas de cada cultura ou grupo social e incluem os aspectos imaginativos da cognição, como a metáfora e a metonímia, de modo que “a linguagem metafórica seria uma consequência, um reflexo, da capacidade de pensar metafóricamente que é nossa maneira mais comum de pensar”<sup>13</sup> (NUBIOLA, 2000, p.83).

Desse modo, as metáforas encontram-se tanto no domínio cognitivo (daí o serem chamadas *metáforas conceptuais*) quanto no domínio da linguagem enquanto expressão do pensamento (a saber, as *expressões metafóricas*): “As metáforas conceptuais são esquemas abstratos, que servem para agrupar expressões metafóricas. Uma expressão metafórica, ao contrário, é um caso individual de uma metáfora conceptual” (CUENCA; HILFERTY, 2007 [1999], p.100)<sup>14</sup>.

## METODOLOGIA

O estudo empreendido, acerca dos fenômenos de conceptualização do *trabalho*, identificados na documentação acessada, se deu com foco nos domínios da experiência e os modelos cognitivos idealizados que nos pareceram salientes em cada um deles.

A opção por estudarmos as ocorrências, primeiramente, por seus domínios-fonte, e, então, nos debruçarmos sobre a teia semântica resultante, contemplando os resultados de modo mais holístico, abarcando todo o período coletado, nos pareceu ser um caminho hermenêutico mais eficaz, especialmente, pelo fato de que percebemos diversas repetições nas formas de conceptualização utilizadas pelos escreventes, o que, caso organizássemos nossos resultados pelo critério cronológico, acarretaria em muitas retomadas explicativas, o que não nos pareceu econômico, textualmente.

Inicialmente, realizamos a identificação dos DE's, no âmbito dos quais entendemos que as ocorrências se enquadravam. Em seguida, mapeamos os modelos cognitivos licenciados pelos diferentes domínios-fonte da experiência, a partir dos quais entendemos terem sido acionadas as conceptualizações do *trabalho*.

<sup>13</sup> Tradução nossa do original: “El lenguaje metafórico sería entonces una consecuencia, un reflejo, de la capacidad de pensar metafóricamente, que es nuestra manera más común de pensar”.

<sup>14</sup> Tradução nossa do original: “Las metáforas conceptuales son esquemas abstractos, que sirven para agrupar expresiones metafóricas. Una expresión metafórica, en cambio, es un caso individual de una metáfora conceptual”.

Aqui, cabe reiterarmos que nos ancoramos nos conceitos de domínios-fonte, ou *domínios da experiência*, enquanto sendo o domínio a partir do qual conceitos e conhecimentos considerados mais “concretos” são projetados, a fim de subsidiar conceptualmente novos conceitos, no âmbito do domínio-alvo, de acordo com o proposto por Lakoff e Johnson (2002 [1980]).

No caso da aplicação dessa perspectiva à nossa investigação, entendemos que os domínios-fontes foram aqueles domínios da experiência nos quais pudemos identificar a estruturação de diversos *modelos cognitivos idealizados*, que, por sua vez, a partir do proposto por Lakoff (1987), são estruturas conceptuais propostas pelos conceptualizadores em sua busca por entender o mundo e organizá-lo, ainda que não se ajustem perfeitamente ao mesmo; isto porque, sendo idealizados, resultam da interação do aparato cognitivo humano e suas experiências corporificadas. Tais estruturações se deram, no âmbito de nosso estudo, por meio de elementos conceptuais de caráter metafórico, metonímico e imago-esquemático. Assim, partindo da intrínseca relação que identificamos entre *domínios da experiência* e *modelos cognitivos idealizados*, foi que optamos por organizar os nossos resultados seguindo a presente estruturação.

Desse modo, ao considerarmos as ocorrências individualmente, pudemos identificar as respectivas estruturas conceptuais subjacentes às mesmas, através de tipos distintos de modelos cognitivos.

Partimos do pressuposto de que os DE, por serem recorrentes ao longo dos recortes temporais, interligaram-se constitutivamente às formas conceptuais que se descortinaram, em uma espécie de cruzamento, ao atravessar o contínuo temporal dos três séculos, a partir dos quais se estabeleceram novas nuances de sentidos para o domínio-alvo *trabalho*. Desse modo, o nosso entendimento a respeito da conceptualização sócio-histórica de *trabalho* partiu da identificação de que a perspectiva inicialmente projetada sobre os diferentes MCI's, e evidenciou-se a partir das ocorrências.

Após este levantamento geral da estrutura conceptual das ocorrências dos DE's e dos MCI's identificados, pudemos refletir sobre o caminho interpretativo que trilhamos, a fim de perceber o movimento de mudanças e/ou continuidades no sistema conceptual, a partir dos resultados encontrados. Nesse aspecto, optamos por considerar a documentação como um todo, ao invés de entendê-la como fragmentária, uma vez que essa perspectiva teórico-filosófico-metodológica condiz com as decisões já tomadas

desde a composição do corpus, nas etapas iniciais da investigação, através da qual propusemos oferecer uma amostragem de tratamento de dados linguístico-conceituais, em uma perspectiva sócio-histórica, que fosse mais holística, em lugar de uma perspectiva atomística e/ou fragmentária de tratamento dos dados.

Passemos, por conseguinte, às nossas impressões sobre os resultados obtidos, a partir dos comportamentos conceituais apreendidos, mediante o entrecruzar dos DE's e dos MCI's.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em 2017, o Brasil enfrentara, talvez, uma das piores crises vivenciadas por sua população. Auferimos a proporção da referida situação caótica a partir do “efeito cascata” que se apresentou quando áreas como ética, política, economia, segurança, educação, saúde, trabalho, dentre outras, passaram a apresentar ameaças ao sentimento de pertença e segurança do brasileiro. Denúncias, esquemas de corrupção, aumento avassalador do desemprego são apenas a ponta de um *iceberg* que tem afetado a todos os brasileiros, especialmente, no que tange ao nosso tema de interesse: o trabalho.

A nebulosa insegurança gerada por decisões sobre reformas que envolvem os direitos do trabalhador tem sido o foco de discussões em diversos ambientes, para além daqueles midiáticos.

A reação dos trabalhadores tem vindo à tona, por exemplo, por meio de mobilizações como as que ocorreram no dia 28 de abril de 2017, ao executarem uma greve de alcance nacional, ao reivindicarem direitos, especialmente, os trabalhistas. A referida greve, estrategicamente pensada, reverberou-se até o dia 1º de maio de 2017, através de manifestações populares que grassaram pelas ruas e redes sociais no Brasil, por meio dos trabalhadores.

Observando algumas produções circulantes nas grandes mídias, notamos, mesmo sem termos realizado um estudo mais aprofundado dos últimos acontecimentos, e textualmente ancorado, que modelos cognitivos idealizados como o do PROTESTO, em especial, novamente, vêm à tona, por meio de desdobramentos como TRABALHO É MOTIVO DE LUTA, TRABALHADOR É LUTADOR, através de expressões

metafóricas que foram massificadas nas redes sociais como: “*Nem um direito a menos*”, “*Trabalhar até morrer*”.

Outros MCI's que foram, a nosso ver, retomados pelos brasileiros foram o de TEMPO, ao ancorarem-se em expressões como “*jornada de trabalho de 44 horas*”; o de RELAÇÕES, em elaborações como “*relação empregador-empregado*”, “*acordo de férias*”, “*flexibilização dos modelos de contrato*”, “*terceirização*”; NATUREZA (“*geração de empregos*”, “*fruto da luta*”), dentre outros<sup>15</sup>.

Este olhar aligeirado, mas relevante, sobre algumas manifestações textuais recentes, que podemos chamar de microcorpus, traz à tona algumas ponderações. Inicialmente, reforça o caráter contemporâneo do nosso estudo, que, ao propor, inicialmente, uma reflexão a propósito de formas de conceptualizações de uma categoria (*trabalho*), culminou em ponderações outras a respeito da importância de o ser humano (re)pensar sobre o seu fazer(-se) no mundo, por meio de suas experiências. Ao lutar pelos direitos atinentes ao trabalho, homens e mulheres têm ressignificado o ato de trabalhar, como sendo algo inerente às suas interações, seja como ORIGEM, como FIM, ou, ainda, como PERCURSO, em suas relações, com seus pares e seus empregadores. Ao realizar esse exercício hermenêutico, expresso na metáfora da luta, que explodiu nas ruas – desde os três últimos anos – os trabalhadores mostraram que (re)pensar o *trabalho* é uma questão de (re)colocar-se no mundo, como seu agente de transformação, especialmente, ao conscientizarem-se de que suas ações presentes serão reverberadas no futuro, por meio de registros escritos e orais, que, ao serem acompanhados em seu caráter viral de repercussão nas mídias sociais, revelam o aspecto *online* da conceptualização do ser humano, sobre categorias e, também, sobre fenômenos que lhe dizem respeito.

Outra questão que nos chamou a atenção foi a rápida consulta que realizamos a um número de ocorrências – para a referida observação dos últimos fatos – consideravelmente baixo, que chamamos de *microcorpus*. O mesmo nos ofereceu a possibilidade de podermos ter traçado considerações sobre as formas distintas de conceptualização do *trabalho*, que, ao compararmos com o nosso estudo, foram

---

<sup>15</sup> A fim de identificarmos as expressões acima destacadas, realizamos uma busca no site de pesquisas Google, através de “reforma do trabalho”, e acessamos, em 08 de maio de 2017, diferentes sites, como os seguintes: <http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,nao-ha-luta-de-merito-na-reforma-trabalhista-ha-luta-politica-diz-temer,70001764481>, <http://www.lutadeclasses.org/2017/01/reforma-trabalhista-e-inconstitucional.html>, <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2017-05/no-recife-dia-do-trabalho-tem-manifestacao-contra-reforma-trabalhista>, além de acionarmos nossos conhecimentos enciclopédicos a respeito dos últimos acontecimentos no país.

retomadas, com certa frequência, o que corrobora nossa defesa pela mescla de métodos quantitativo e qualitativo como sendo um caminho viável em determinadas modalidades de investigações em SC, além de reiterar o caráter, ainda em aberto, das questões atinentes ao método no âmbito das investigações cognitivas sócio-históricas, que nos fazem pensar mais adequação do que em limites rígidos.

Assim sendo, buscamos, por meio do estudo ora empreendido, apresentar nossa contribuição, através de uma proposta de caminho teórico-metodológico, em uma perspectiva cognitivo-sócio-histórica, para o estudo de categorias conceptuais que abarquem um lastro temporal com um recorte diacrônico. Ao observarmos a carência de investigações na área de SC a respeito de fenômenos sócio-históricos, em perspectiva cognitivista, o que pretendemos, além de contribuir com a consolidação de tais empreendimentos, foi propor um modelo teórico-metodológico, cuja aplicabilidade estivesse aberta a outras categorias conceptuais.

Para tanto, optamos por ancorarmo-nos, teoricamente, de forma predominante, na *Teoria da Metáfora Conceptual*, levando em conta suas mais recentes atualizações e revisitações, a partir de estudiosos que têm se debruçados sobre os fenômenos conceptualizadores. Assim sendo, o que fora proposto por Lakoff e Johnson, em obra de 1980, foi, por nós, aqui amplamente discutido e relido, a partir de nossa atualização aplicada à referida teoria, em suas mais contemporâneas atualizações, inclusive pelo próprio George Lakoff, em texto de 2012. Assim sendo, nossas escolhas teóricas foram conscientemente corroboradas e a opção por um arcabouço teórico delimitado tratou-se de uma escolha, que remontou a nossos caminhos metodológicos, visando a uma perspectiva de estudo mais holística, ao lidarmos com o nosso corpus.

Desse modo, o estudo que realizamos apontou para a conceptualização de *trabalho* através de modelos cognitivos metafóricos, metonímicos e imago-esquemáticos. Assim, além de considerar as expressões conceptualizadoras para realizarmos os movimentos interpretativos das ocorrências, foi necessário recorrermos, quando possível, ao contexto geral da escrita em que se situavam as passagens textuais estudadas, como sendo cultural e historicamente concebidas, visto envolverem os conhecimentos enciclopédicos a respeito da situação do Brasil, em seus aspectos sociais, históricos, políticos e econômicos.

A identificação dos MCI's de cunho metonímico possibilitou uma percepção de como os escreventes selecionaram e focalizaram determinados aspectos – em lugar de outros – para elaborar aspectos diferentes da realidade. Os esquemas imagéticos esquadrinhados nos ofereceram um vislumbre do caráter experiencialista das elaborações conceptuais e reforçaram a ideia de que os mesmos funcionam simultaneamente, e, na maioria dos casos, através de *modelos em grupo*. Esse aspecto reforçou, a nosso ver, o caráter dinâmico das formas de conceptualização mobilizadas pelos usuários da língua portuguesa, ao mesclarem elementos aparentemente díspares na organização de sua realidade.

Assim, com o estudo cujos resultados aqui socializamos, concluímos que *trabalho* se trata de um conceito que suporta, em si, muitos outros, e que teve, predominantemente, o sentido de *atividade desenvolvida objetivando algum retorno*. Ao considerarmos as formas mais salientes de conceptualização do *trabalho* em cada sincronia, pudemos observar que não houve o que chamamos de “especificidades conceptuais” no que tange ao século XIX, enquanto que tivemos as referidas especificidades nos séculos XX (MCI da COMPETIÇÃO) e no século XXI (MCI's do NEGÓCIO e da CRISE), que, ao se entrecruzarem, por meio das denominadas “continuidades”, também observadas ao compararmos as sincronias, sugeriram-nos a conceptualização prototípica TRABALHO É ATIVIDADE, o que confirmou a hipótese, largamente defendida nos estudos semânticos de cunho conceptual, de que nossa forma de estabelecermos conceptualização se dá ancorada em uma base experiencial e cultural (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980]). Além disso, as continuidades sugeriram-nos que a mudança no sistema conceptual do *trabalho* não se deu de forma abrupta, antes, constituiu-se, a nosso ver, como uma extensa rede de significações, conduzida por conceptualizadores-escreventes que levavam em conta aspectos pretéritos das formas de conceptualização culturalmente partilhadas, a partir dos quais estabeleciam novos sentidos para *trabalho*.

Nesse íterim, ficou-nos sugerido que os múltiplos sentidos de *trabalho* possibilitariam a realização de investigações futuras que visem à identificação do seu caráter polissêmico enquanto categoria conceptual, por exemplo, enquanto resultantes de processos conceptualizadores, ou que partam da identificação do sentido prototípico de *trabalho*, demonstrando tais processos por redes radiais, ou outras formas de representação.

Desse modo, reiteramos que o estudo aqui realizado não pretendeu encerrar-se em seu aspecto linguístico, antes, buscou dele partir a fim de contribuir com investigações a respeito de outros fenômenos atinentes às diversas trocas de saberes entre escreventes e leitores, em especial, às formas de conceptualização.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por olhar mais holisticamente para o fenômeno conceptual, acreditamos termos cumprido, ao menos em parte, o desafio interdisciplinar proposto aos semanticistas cognitivistas, ao realizarmos nosso exercício hermenêutico a respeito do *trabalho*, pois, ancorando-nos em áreas do saber como *Teoria da Complexidade*, *Sociocognição*, *História*, *Sociologia*, dentre outras, notamos como a experiência humana oferece um vislumbre extremamente complexo e articulado de saberes interconectados, em contextos e épocas distintas, entrelaçando-os em formas de pensar, interagir e experienciar o mundo.

Outra contribuição que julgamos ter-se concretizado através de nosso estudo repousa sobre nossa proposta filosófico-metodológica, ao lidarmos com pressupostos de constituição, organização e estudo do corpus, visto que, por entendermos que o todo é maior e menor do que a soma de suas partes, optamos por estudá-lo evitando uma fragmentação por sincronias, antes, concentrando-nos nos domínios-fonte da experiência nos quais, a nosso ver, pudemos organizar as ocorrências.

Nesse sentido, esperamos que, através do nosso estudo, os recortes temporal e documental realizados possam oferecer um vislumbre de como a linguagem verbal possibilitou-nos o acesso à parte do processo de conceptualização do *trabalho*, a partir de um olhar cognitivo-sócio-histórico, o que poderá contribuir, de forma mais ampla, quiçá em investigações futuras, para uma melhor compreensão sobre as formas de conceptualização humana, em geral.

## REFERÊNCIAS

CIENKI, Alan. Frames, idealized cognitive models, and domains. In: GEERAERTS, Dirk; CUYCKENS, Hubert. (Eds.) *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*. New York: Oxford University Press, 2007. p.170-185.

CROFT, William; CRUSE, D. Alan. *Linguística Cognitiva*. Trad. Antonio Benítez Burraco. Madrid: Ediciones Akal, 2008 [2004].

EVANS, Vyvyan. *A Glossary of Cognitive Linguistics*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2007.

IBARRETXE-ANTUÑANO, Iraide. Humanismo, Ciencia y Lingüística (Cognitiva): ¿incompatibles o complementarios? In: QUEROL, María. (Ed.) *El futuro de las humanidades*. II volumen de artículos en homenaje al profesor D. Ángel López García. Valencia: Servei de Publicacions de la Universitat de València, 2010. p.49-70. Disponível em: [www.angellopezgarcia.es/homenajealopez.pdf](http://www.angellopezgarcia.es/homenajealopez.pdf) Acesso em 14 maio 2015.

KÖVECSES, Zoltán. *Metaphor: a practical introduction*. 2.ed. New York: Oxford University Press, 2010a.

LAKOFF, George. *Women, fire, and dangerous things*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press, 1980. Tradução brasileira: *Metáforas da vida cotidiana*. ZANOTTO, Mara Sophia (coord. de tradução- Grupo GEIM). São Paulo: EDUC/ Mercado de Letras, 2002.

LAKOFF, George. A hipótese da invariância: o pensamento abstrato está baseado em esquemas de imagem? In: SIQUEIRA, Maity; OLIVEIRA, Ana Flávia Souto de (Orgs.). *Cadernos de Tradução – Linguística Cognitiva*. Tradução: Larissa Brangel; Dalby Dienstbach. Porto Alegre, n. 31, jul-dez, 2012, p. 7-46. [obs- traduzido com a autorização do autor, a partir do texto em inglês LAKOFF, George. The invariance hypothesis: is abstract reason based on image schemas? In: *Cognitive Linguistics*, v. 1, n. 1, p. 39-74, 1990].

MACEDO, Ana Cristina Pelosi de. Cognição e linguística. In: MACEDO, Ana Cristina Pelosi de; FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes; FARIAS, Emília Maria Peixoto. *Cognição e linguística: explorando territórios, mapeamentos e percursos*. Caxias do Sul: Educ; Porto Alegre: Edipucrs, 2008.

RUIZ DE MENDONZA IBÁÑEZ, Francisco José. El modelo cognitivo idealizado de tamaño y la formación de aumentativos y diminutivos en español. In: *Revista española de Lingüística Aplicada*. Vol. Extra 1. 2000. p.355-374. Disponível em: <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=876322>. Acesso em 23 abril 2015.

SILVA, Augusto Soares da. A Linguística Cognitiva: uma breve introdução a um novo paradigma em linguística. In: *Revista Portuguesa de Humanidades*. V.1, n.1-2, 1997. p.59-101. Disponível em: <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2755969>. Acesso 17 abril 2015.